

Dra. Elaine Phillips, Esther, Palestra 4

© 2024 Elaine Phillips e Ted Hildebrandt

Estamos neste ponto no quarto do rei Xerxes e Hamã acaba de entrar em uma sala onde está planejando a morte final de Mordecai. Então, continuaremos com o versículo 6, capítulo 6. A prerrogativa régia significava que a preocupação do rei vinha em primeiro lugar. O fato de o rei não ter revelado a identidade de Mordecai aqui foi providencial.

Se ele tivesse dado a posição influente de Hamã, Mordecai teria ido mal. A expressão, o rei tem prazer em honrar, ficou firmemente arraigada na mente de Hamã. Ele primeiro saboreou isso em seu coração e depois voltou a ele repetidamente para definir com precisão o que deveria ser feito por ele, como ele presumia.

O personagem de Hamã é o mais transparente de toda a narrativa. Aqui o público tem uma janela para seus pensamentos mais íntimos e vemos seu orgulho arrogante. Embora a tradução da NVI do versículo 7 suavize o texto, anexando-o ao versículo seguinte, na verdade ele deve ser lido de forma independente.

Hamã repetiu a frase, o homem que o rei tem prazer em honrar. Ele saboreou e então o versículo 8 começou a descrever as honras que ele tão ardentemente desejava. Continuando a entrelaçar o homem que o rei tem prazer em homenagear.

Esta foi uma sessão de treino para ele. Ele o anunciaria repetidamente e publicamente, mas com referência a Mordecai. Nos versículos 8 e 9, há três aspectos críticos na resposta de Hamã ao rei.

Ele repetiu cada elemento com detalhes cada vez maiores, deixando bem claro que pretendia que o rei compreendesse todo o significado de seu conselho. Deveria haver uma declaração pública de que os símbolos do poder e posição real eram compartilhados por alguém de grande importância para o rei. Tanto o cavalo real como a vestimenta real deveriam ser usados pelo próprio rei.

Investindo-os com um grau significativo de poder soberano. Foi sugerido que este desfile, tal como Hamã o propôs, não era um desfile pelas ruas, mas sim uma manifestação estacionária na praça da cidade. Os verbos traduzidos como cavalgou e conduziu poderiam igualmente ser entendidos como montar, implicando a posição simbólica à qual Hamã seria obrigado a elevar Mordecai como um ato público de honra.

Porque este era o cavalo que o rei montou, o homenageado, e Hamã pretendia que fosse ele mesmo, compartilharia a glória e a honra do próprio rei. Uma crista, literalmente no texto uma coroa na cabeça do cavalo, não era uma ornamentação incomum na

arte do Oriente Próximo. Esses capacetes aparecem regularmente em relevos assírios de palácios em Nínive que estão em exibição no Museu Britânico.

Estas estão nas cabeças dos cavalos. E esse padrão continuou no período persa, como demonstram os relevos de Persépolis. Capítulo 6, versículo 10.

O rei ordenou a Hamã: vá imediatamente, pegue o manto e o cavalo e faça exatamente como você sugeriu ao judeu Mardoqueu, que está sentado à porta do rei. Não negligencie nada que você recomendou. Ao ouvir Mordecai, o judeu deve ter congelado cada fibra do ser de Hamã.

Ele desprezava esse nome acima de todos os outros, e Mordecai era a pessoa cujo fim estava, em sua mente, tentadoramente próximo. Na esfera pública, a trama virou nesse ponto. Há muita coisa, porém, que este versículo não diz, deixando muito para a imaginação do público.

Surgem perguntas. Como o rei soube que Mordecai era judeu? E como ele poderia ter esquecido que os judeus estavam condenados à destruição? Agora, a identidade de Mordecai pode ter sido escrita nas Crônicas, o que seria uma fonte, mas é mais provável que os atendentes que conheciam claramente as circunstâncias também tenham informado o rei sobre esse detalhe. Hamã evitou cuidadosamente nomear os objetos de seu decreto, e o rei entregou todo o negócio sórdido a Hamã.

Assim, embora o decreto nomeasse os judeus, Xerxes pode nunca ter se preocupado em ler o texto. Os eventos até este ponto demonstraram vigorosamente sua capacidade de perder quase tudo que é significativo. O tiro de despedida do rei para Hamã, para não negligenciar nada, é literalmente, não deixar nada cair, o que é presciente à luz do que estava por vir para o próprio Hamã.

Após a extensa descrição de Hamã, a cerimônia propriamente dita aparece com grande economia, como que para sugerir que Hamã a fez tão rápida e superficialmente quanto possível. O narrador deixa brilhantemente à imaginação do público como foi o acontecimento na praça da cidade tanto para Hamã como para Mordecai. Embora o rei pudesse não ter conhecimento da antipatia entre Hamã e Mordecai, todos na esfera pública que assistiram ao espetáculo saberiam dos incidentes anteriores.

Esta foi a humilhação culminante, pois a proclamação foi repetida indefinidamente. Este era o homem que o rei desejava homenagear. Ao mesmo tempo, porém, deve ter parecido uma cruel ironia para Mordecai, porque o decreto aparentemente inevitável e mortal ainda estava em vigor.

Embora nada seja notado sobre a resposta de Mordecai, a fuga de Hamã para casa foi de luto com a cabeça coberta, versículo 12, um esboço da cobertura final de seu rosto no capítulo sete, versículo oito. Esta indicação de luto contrastava inteiramente

com o que ele havia previsto. A descrição de Hamã de sua humilhação no versículo 13 usa a mesma linguagem que aparece em relação ao momento mais baixo de Mordecai, lá em Ester, capítulo quatro, versículo sete.

Depois de ouvir sua narrativa, Zeresh e os conselheiros, os sábios daqui, cuja distância dele é indicada por não serem mais chamados de amigos, como no capítulo seis, todos reconheceram que seu destino estava selado. Ele havia começado a cair e não havia como pará-lo. A raiz verbal de naphal, que significa cair, ocorre três vezes, sendo a última o enfático infinitivo absoluto com a forma finita.

Como Mordecai era judeu, Hamã não conseguiria prevalecer. O próximo versículo leva habilmente o público leitor de volta ao banquete após esta tangente mais importante. Pode-se imaginar o versículo 14, a cena anterior com o relato atormentado dos acontecimentos por Hamã, talvez prolongado à medida que cada um deles era revisitado, e as respostas sérias de todos os seus consoladores.

Qualquer esperança que ele pudesse ter procurado deles foi frustrada, e é compreensível então que ele não tivesse se preparado em tempo hábil para o próximo banquete. A escolta de eunucos pode ter sido o protocolo da corte para alguém da estatura de Hamã, mas quando chegaram, encontraram-no ainda no meio da conversa agonizante e foram obrigados a apressá-lo até a rainha. Capítulo 7, versículos 1 e 2. Então o rei e Hamã foram jantar com a rainha Ester, e enquanto bebiam vinho naquele segundo dia, o rei perguntou novamente: Rainha Ester, qual é a sua petição? Isso será dado a você.

Qual é o seu pedido? Até metade do reino será concedido. Se de fato o banquete do vinho, literalmente o banquete do vinho, fosse um prato próximo ao final da refeição, houve um tempo significativo para que a tensão aumentasse. Esta foi a terceira vez que o rei pediu para saber o pedido de Ester.

Ele se dirigiu a ela diretamente como Rainha Ester e, pela segunda vez, prometeu atender integralmente a sua petição. Seguindo o exemplo do rei, e novamente talvez de acordo com a etiqueta da corte, Ester moldou todas as suas respostas, que são narradas como um gibão. Ester, a rainha, respondeu e disse que o moldou em pares.

O primeiro par de conjuntos inclui duas condicionais. Se encontrei favor, ó rei, aos teus olhos e se isso agrada ao rei. Mesmo estes foram preparativos requintados para o que se seguiu.

Ester novamente usou o favor mais deferente encontrado e apelou diretamente para o relacionamento do rei com ela, um fator ao qual ela retornou na frase seguinte. Sabendo que sua própria vida era mais significativa para o rei, ela primeiro pediu que sua vida fosse concedida como seu pedido e depois que seu povo recebesse suas vidas como seu pedido. Afinal de contas, a honra do rei seria profundamente

prejudicada se a rainha fosse morta em conjunto com o édito de Hamã contra os judeus.

A próxima parte do seu apelo, que é o versículo quatro, foi uma obra-prima em diplomacia. Ela teve que preparar o cenário para a acusação de Hamã sem implicar o rei, que certamente seria igualmente culpado no assunto. Hamã foi a escolha do rei como o segundo no reino e o rei lhe concedeu rédea solta para liberar sua fúria contra os judeus.

Ao declarar, *aspas*, fomos vendidos, eu e meu povo, *aspas* Ester identificou-se com os judeus, embora ainda não os tenha nomeado. Sua citação direta da linguagem do diploma eliminou qualquer ambiguidade. Hamã, neste momento, teria percebido com horror crescente o que isso significava para ele.

À luz da possibilidade de Hamã ter explorado a semelhança conveniente entre os verbos que significam aniquilar e escravizar, recordemos a nossa discussão do capítulo três. O uso que Ester faz do termo vendido tem múltiplas camadas de significado. Eles foram entregues, literalmente vendidos, para destruição, um termo usado repetidamente na resposta de Deus à desobediência de Israel. Eles foram literalmente vendidos porque Hamã ofereceu dinheiro ao rei para sua aniquilação, e Xerxes parece ter aceitado.

E o rei pode ter vendido uma nota de mercadorias por meio do trocadilho enganoso que Hamã fez, induzindo-o a pensar que se tratava de uma questão de comércio de escravos. Mesmo a venda como escrava, afirmou Esther, teria sido suficientemente tolerável para que ela ficasse calada. A cláusula final deste versículo é difícil porque as três palavras-chave têm significados múltiplos e ambíguos, talvez pela mesma razão que esta deveria ser a epítome da linguagem diplomática por parte de Ester.

Uma tradução literal desta cláusula seria, entre *aspas*, não há calamidade ou adversário, a palavra é czar, que equivale a dano ao rei, *aspas* próximas. Se o czar se referisse a uma pessoa, seria um comentário desdenhoso sobre Hamã. Ele era tão inútil que perturbar o equilíbrio real para cumprir sua punição seria um preço muito alto, implicando o maior respeito pelo rei e o maior desprezo por Hamã.

O versículo cinco hebraico diz literalmente, então disse o Rei Assuero, e ele disse à Rainha Ester, quem é ele? Onde está aquele que encheu seu coração para fazer tal coisa? A estranha repetição do dito na parte inicial desse versículo não é um erro textual, como muitos sugeriram. Em vez disso, funciona muito bem para indicar a hesitação do rei. Ele ficou tão chocado que teve que recuperar o fôlego e começar tudo de novo.

Tanto a descrição de sua fala quanto sua pergunta direta indicavam sua consternação. Notavelmente, o rei não reconheceu a linguagem do decreto nem fez a conexão entre a referência de Ester e Hamã. Por ter sido negligente

em saber das atividades reais de Hamã e da identidade de sua rainha, ele fez a pergunta que permitiu a Ester apontar diretamente para Hamã.

Ela começou o versículo seis com termos gerais, um homem, um adversário, um inimigo, e então prosseguiu para este malvado Hamã. Foi uma acusação concisa. Ela o chamou de inimigo, não de inimigo dos judeus, insinuando assim que era um problema muito maior.

Na verdade, Hamã era um traidor do rei e também um inimigo dos judeus. Foi uma notícia horrível para Hamã que a rainha era judia e, portanto, condenada, na verdade, por seu decreto à morte. Cara a cara com o rei e a rainha, que são conhecidos juntos neste momento, Hamã foi tomado por um terror repentino.

Os próximos eventos são compactados. Seu destino foi rapidamente selado. Obviamente, esta revelação enfureceu o rei.

Ele havia sido enganado por Hamã de várias maneiras, e o próprio subterfúgio de Ester poderia tê-lo irritado até certo ponto. Como era humilhante que a sua própria rainha se identificasse com um povo oficialmente condenado à destruição. Sua saída enfurecida combinava com seu caráter.

O hebraico é o que pode ser chamado de reticências dramáticas. Citação, ele levantou-se furioso da pista de vinhos até o jardim do palácio, sugerindo pressa e confusão. Hamã recorreu a Ester para implorar por sua vida.

A decisão do rei estava tomada, mas talvez Hamã esperasse que o rei novamente não agisse por conta própria. Nesse caso, Esther era sua única esperança. Na ironia final da vida de Hamã, ele caiu no sofá onde Ester, a rainha judia, estava reclinada.

E naquela postura de súplica quando o rei voltou e o encontrou ali. Não está claro se o rei interpretou mal essa ação ou se realmente pensou que Hamã estava atacando Ester. Violar a rainha teria sido equivalente à tirania, uma prática que é evidente noutros momentos da história de Israel, quando potenciais usurpadores do trono dormiam com concubinas.

O que o rei viu permitiu-lhe fazer uma acusação que resolveria seu dilema sobre as implicações desonrosas dele para o édito. Tudo poderia ser atribuído a Hamã. Além disso, uma leitura sensível deste texto poderia levantar a questão da cumplicidade de Ester na posição precária de Hamã.

Talvez na ausência do rei, ela duvidosamente convidou Hamã para ir até ela, mas para selar seu destino. De qualquer forma, numa demonstração clara de justiça medida por medida, Hamã morreria por causa de uma acusação falsa, assim como acusou falsamente os judeus. A extrema brevidade da narrativa neste ponto sugere a confusão de atividade e pressa com que passaram esses traumáticos últimos momentos da vida de Hamã.

Como em vários casos anteriores, o sujeito plural indefinido indica passivo. O rosto de Hamã estava coberto. No versículo 9, lemos sobre Harbona, um dos eunucos que atendia o rei, que disse que havia uma forca de 23 metros de altura perto da casa de Hamã.

Ele mandou fazer isso para Mordecai, que falou para ajudar o rei. O rei disse, pendure-o nisso. Então, enforcaram Hamã na forca que ele havia preparado para Mordecai.

Então, a fúria do rei diminuiu. Dado o seu tamanho excessivo, o poste que Hamã ergueu às pressas não poderia passar despercebido. Sem dúvida, perguntas curiosas levaram Hamã a revelar a sua intenção de se livrar de Mordecai.

Harbona foi astuto e, tendo ouvido o que havia acontecido no intervalo com Hamã e Mordecai, opinou contra o homem cuja estrela estava caindo. E suas palavras resolveram uma situação possivelmente delicada para o rei. Suas palavras forneceram uma segunda razão para aplicar a pena de morte contra Hamã, lembrando ao grupo de eunucos e outros funcionários da corte que Mordecai acabara de ser celebrado como benfeitor do rei.

Atacar alguém daquela estatura era um negócio mortal. Xerxes ordenou que Hamã fosse enforcado. A queda de Hamã foi completada quando seu corpo foi içado, ironicamente, no mastro para a humilhação final.

A justiça medida por medida também é notada. Ele foi pendurado no poste que havia preparado para Mardoqueu. No entanto, embora este rei estivesse superficialmente preocupado em agir de acordo com a lei, uma das acusações contra Hamã, contrariamente às aparências, não era verdadeira.

O significado da diminuição da raiva do rei também não deve ser esquecido. Isso significava que sua atenção estava focada apenas nos acontecimentos e nas pessoas que o afetavam. O destino de Hamã, cuja conspiração ameaçara a honra do rei, foi selado.

O destino do povo de Ester, ainda não resolvido, neste momento não o preocupava. No capítulo 8, as identidades de Ester, logo no início, como rainha governante, recebedora do que havia sido a propriedade de Hamã e prima do honrado benfeitor do rei, todas convergiram neste ponto. Embora o reconhecimento anterior de Mordecai pelo rei tivesse sido uma exibição temporária, neste momento ele chegou à presença de Xerxes, um lugar reservado para muito poucos.

Ele recebeu tanto o poder político de Hamã, indicado pelo anel de sinete, provavelmente recuperado pelo rei em um momento de lucidez, quanto os recursos econômicos de Hamã, porque foi nomeado guardião dos bens de Hamã. Mas ainda assim os judeus estavam em perigo. Assim, no versículo 3, Ester novamente implorou ao rei, caindo aos seus pés e chorando.

Ela implorou-lhe que acabasse com o plano maligno de Hamã, o Agagita, que ele havia arquitetado contra os judeus. É possível que a próxima cena tenha sido uma continuação dos acontecimentos do mesmo dia. Nesse caso, a língua hebraica que ela acrescentou e falou sugeriria uma continuação dos intercâmbios políticos de alto nível que já tinham ocorrido.

Parece mais provável, no entanto, que algum tempo tenha decorrido. A rápida sucessão de acontecimentos necessários para essa reconstrução não parece que o tribunal tenha sido regido por um protocolo excessivo. Além disso, a referência no versículo 9 à redação de um contra-decreto no terceiro mês também sugere um atraso significativo, período durante o qual Ester e Mordecai podem ter ficado cada vez mais ansiosos porque não viram nada acontecendo em relação ao destino dos judeus.

Assim, Ester novamente enfrentou a perspectiva de entrar na presença do rei sem avisar, sem saber se ele lhe estenderia o cetro de ouro. O seu apelo apaixonado foi marcado desta vez por cair aos seus pés, chorando e implorando-lhe misericórdia, especialmente no que diz respeito ao esquema diabólico de Hamã. Essa postura é visivelmente diferente de sua primeira súplica.

Nesse caso, ela ficou à distância, e somente quando o rei estendeu o cetro ela se aproximou e tocou nele. No versículo 5, ela disse, se isso agrada ao rei e se ele me considerar com favor, e achar que é a coisa certa a fazer, e se ele estiver satisfeito comigo, que uma ordem seja escrita anulando os despachos que Hamã, filho de Hamedata, o Agagita, planejou e escreveu para destruir os judeus em todas as províncias. Pois como posso suportar ver o desastre cair sobre o meu povo? Como posso suportar ver a destruição da minha família? O apelo engenhoso de Ester, iniciado com uma fórmula de quatro partes em vez de duas, apelou tanto ao que era reconhecidamente bom, tov, e correto, kasher, como kosher, quanto ao respeito que o rei tinha por ela.

Cada um desses aspectos apareceu duas vezes, e seu apelo ao bem teve prioridade em cada conjunto. A sua referência ao que era certo implicava que o decreto anterior decididamente não o era. Ao solicitar que o mau decreto de Hamã fosse revogado, ela seguiu os bons costumes judiciais.

Que se escreva para fazer devolver os despachos, literalmente. Seguido por uma nomeação completa de Hamã. Essas palavras cuidadosamente escolhidas tiraram o rei da situação, embora os despachos tivessem sido emitidos em seu nome, e novamente colocaram a culpa pelo decreto diretamente em Hamã, já falecido.

É importante ressaltar que seu pedido inicial e principal foi a revogação do decreto. Quando isso foi recusado, outros meios, mais violentos, tiveram que ser adotados. Quando chegamos ao versículo sete, os títulos são obviamente importantes.

Ester é chamada de rainha. Mordecai é chamado de judeu. A ordem das palavras da resposta do rei em hebraico pode sugerir um leve grau de exasperação com este pedido adicional.

Ele previu suas próprias ações de justiça, dizendo: veja, eu dei os bens de Hamã para Ester. Ele foi enforcado. Implícito nisso poderia estar: o que mais você quer? Ou talvez outra interpretação em suas palavras, entre aspas, Hamã está completamente fora de cena.

Você é livre para fazer o que quiser. Com o versículo oito, vemos que ele começa a abordar ambos. Você, plural, certo, em relação aos judeus, o que lhe parecer bom.

Isso sugere que Xerxes não queria mais nada com o caso. Isso se enquadraria como uma indiferença abrangente a qualquer coisa que não afetasse diretamente seu mundo pessoal. A última parte do versículo é interessante, entretanto.

Sele-o com o anel de sinete do rei. Nenhum documento escrito em nome do rei e selado com o seu anel pode ser revogado. Referindo-nos novamente à irrevogabilidade.

Isto pode ser simplesmente, neste caso, uma avaliação um pouco realista. Afinal, os mensageiros tinham ido por todo o reino, dando permissão para agir com base em preconceitos bem arraigados. Como poderiam ser apresentados os efeitos de tal decreto? O único recurso poderia ter sido aquele que ele escolheu.

A narrativa relativa à emissão deste decreto, que será os próximos versículos, nove a 14, apresenta paralelos verbais distintos com o primeiro decreto e seus arredores no capítulo três, versículos 12 a 15. Em outras palavras, isso foi explicitamente uma contramedida. Dito isto, as mudanças também são dignas de nota.

Este estava de acordo com tudo o que Mordecai, agora na posição de Hamã, ordenava. Os primeiros destinatários da lista eram judeus, ausentes do papel anterior de destinatários. Embora a população judaica, claro, tenha rapidamente tomado conhecimento do primeiro decreto, a intenção do seu malévolo legislador era que fossem excluídos e, portanto, apanhados desprevenidos.

Neste decreto, o restante da lista de endereços foi compactado e os títulos presunçosos foram removidos. Uma mudança sutil adicional em relação ao edital anterior é que as formas verbais estão ativas. Mordecai assumiu a responsabilidade.

Ele escreveu em nome do rei. Ele selou com o anel. Ele o enviou por meio de correios do governo.

Em contraste com o decreto anterior, porém, esses mensageiros tinham excelentes cavalos de potência à sua disposição. Eles montaram os melhores cavalos que o governo poderia

fornecer. O édito de Mordecai, versículo 11, dizia que o rei deu permissão aos judeus em cada cidade para se organizarem a fim de agirem e literalmente defenderem suas vidas.

O resto do versículo, versículo 11, suscitou extensos comentários, particularmente a referência a crianças e mulheres pequenas, *taph nashim*, que sintaticamente podem ser lidas como os objetos potenciais da ação judaica ou como mulheres e crianças judias atacadas pelas forças inimigas. Para determinar qual interpretação é melhor, é importante observar os contrastes críticos com o decreto anterior, bem como os termos que foram transferidos com precisão. No edital anterior, os objetos a serem destruídos, mortos e aniquilados eram, entre outras coisas, todos os judeus, de jovens a velhos, crianças pequenas e mulheres.

No decreto de Mordecai, os mesmos três infinitivos do primeiro decreto têm como objetos imediatos, entre aspas, todas as forças armadas, *hel*, de pessoas e províncias que os atacam, seguidas por crianças pequenas e mulheres. Em cada caso, crianças pequenas e mulheres não estão ligadas por uma conjunção ao que é precedido. Isso o torna ambíguo.

No primeiro decreto, eles representavam claramente os objetos mais vulneráveis ao ataque inimigo. Aqui, estas palavras seguem imediatamente aqueles que os atacam, sugerindo que os judeus receberam permissão para matar aqueles em todos os locais que ainda pretendiam cumprir o decreto original, citando, atacando-os, às suas mulheres e aos seus filhos. Dado que o foco directo da autodefesa judaica eram os adversários armados, é ilógico pensar que o mandato do governo seria emitido contra aqueles com menor probabilidade de pertencer a essa categoria.

Uma outra citação direta do edital anterior vem no final com a permissão para saquear. Dado o facto de a seguinte narrativa ser enfática ao afirmar que os judeus não saquearam, embora tenham sido autorizados a fazê-lo, parece que se tivesse havido uma permissão legal para abater mulheres e crianças, algum comentário teria sido feito a esse respeito, como bem. Não existe esse resumo.

Em vez disso, no capítulo nove, o texto diz quantos homens foram mortos em Susã, 802 dias, e quantos inimigos em todo o império, 75.000. Em suma, Mordecai citou frases específicas do decreto anterior para enfatizar que se tratava especificamente, mais uma vez, de uma contramedida. Devido à irrevogabilidade destas leis, os termos do segundo édito tiveram que refletir os do primeiro como proteção para os judeus.

Tanto a descrição das circunstâncias como o próprio texto fundamentam a afirmação de que os judeus não receberam permissão total para o abate. Em vez disso, deveriam responder às provocações resultantes daqueles que agiram de acordo com o primeiro decreto. Mas preciso dizer neste ponto que a maioria dos intérpretes vai na outra direção em termos de como ler pequenas mulheres e crianças, pequenas crianças e mulheres.

Seguindo em frente, o versículo 12 reitera que isso ocorreria em todas as províncias reais. E então o edital encerrou com a data já estabelecida, o 13º dia de Adar. No versículo 13, o texto do primeiro edital é reproduzido com dois acréscimos.

Primeiro, os judeus deveriam estar preparados para este dia. E segundo, eles deveriam estar prontos para, entre aspas, serem vingados de seus inimigos, entre aspas. Embora os problemas interpretativos do versículo 11, com os quais acabamos de lidar, resultem da ambiguidade sintática, este é flagrantemente preocupante.

Não há nada que pareça mais estranho à cosmovisão cristã do que a vingança. No entanto, várias observações importantes são necessárias. A raiz hebraica *nakam* e suas formas verbais e substantivas relacionadas referem-se não apenas à vingança pessoal, que é, obviamente, repreensível, mas também à vingança de Deus, que é necessária num mundo mau.

A vingança é uma ação que primeiro pressupõe um erro e depois o corrige. É distinta e adequadamente punitiva e, portanto, em última análise, uma fonte de encorajamento para aqueles que sofrem injustamente. Embora o próprio Deus execute vingança com mais frequência, há ocasiões em que ele usa agentes.

O crime de Hamã contra os judeus foi hediondo, tanto mais que os seus efeitos não cessaram com a sua morte. O edital foi elaborado para desencadear pogroms em todo o império. Ser vingado aqui significava que os judeus seriam justificados e viveriam em vez de morrerem.

Versículo 15, capítulo 8. Mordecai deixou a presença do rei vestindo vestes reais azuis e brancas, uma grande coroa de ouro e um manto púrpura de linho fino, e a cidade de Susã realizou uma alegre celebração. Para os judeus, foi uma época de felicidade e alegria, alegria e honra. Em todas as províncias e em todas as cidades, onde quer que fosse o decreto do rei, havia alegria e alegria entre os judeus com festas e celebrações, e muitas outras pessoas de outras nacionalidades tornaram-se judeus porque o medo dos judeus os havia tomado.

O saco e as cinzas de Mordecai do capítulo 4 e o manto temporário do capítulo 6 foram substituídos por apetrechos permanentes da realeza. O que Hamã desejava, Mordecai foi dado e, de fato, dado em abundância. Um manto tornou-se um conjunto completo e, em vez de uma coroa insignificante e uma cabeça de cavalo, Mordecai usou sua própria grande coroa de ouro.

Mesmo assim, mantém-se uma distinção entre este diadema de ouro, um *teret zahav*, e a coroa usada pela realeza persa, *ketur machut*. Na verdade, o narrador pode ter enfatizado sutilmente o judaísmo de Mordecai neste ponto, já que *atara* é a palavra usada com mais frequência na Bíblia Hebraica para designar o diadema real. Em contraste com o luto, o jejum, o pranto e o lamento que vimos no capítulo 4, agora os judeus tinham luz,

alegria, regozijo e honra, e a alegria espontânea se transformou em um feriado completo com seu próprio acompanhamento de mishte, festa, banquete, para as comunidades judaicas em todos os lugares.

O povo da terra, plural, ameha aretz, refere-se aos não-judeus, e aqui indica aqueles que escolheram se identificar com os judeus. O que essa identificação significava, no entanto, é uma questão. A palavra mit yahadim ocorre apenas em Ester, e aqui foi uma resposta direta ao pavor de que os judeus caíssem sobre eles.

O mesmo pavor é observado em Ester capítulo 9, versículo 2, junto com o pavor de Mordecai no versículo 3. Tanto o substantivo quanto as formas verbais de pahad indicam medo intenso e repentino a ponto de tremer, e aparecem predominantemente, embora não exclusivamente, em textos proféticos e poéticos com referência ao pavor do Senhor ou a um terror numinoso e sem nome. Isto pode, portanto, indicar que esta identificação foi motivada por algo mais do que simplesmente segurança política, embora isso possa ter feito parte dela. Por outro lado, é incerto se a verdadeira conversão estava implícita aqui.

Talvez a melhor interpretação fosse que eles professavam ser judeus por uma ampla variedade de motivos, um dos quais pode ter sido o medo do Deus dos judeus. No registro da autodefesa judaica e do alívio dos inimigos, capítulo 9, versículos 1 a 17, é importante ser sensível aos prazos do texto. Os primeiros 10 versículos do capítulo 9 descrevem os eventos do primeiro dia.

O texto hebraico no versículo 1 destaca a data e a tensão crescente com uma frase complexa. Como os dois decretos conflitantes estabeleceram este dia, o derramamento de sangue resultante foi inevitável, e há indicadores estilísticos importantes no texto hebraico de crise iminente. Embora houvesse dois decretos emitidos em nome do rei, a expressão aqui é singular.

Cada lado poderia apelar para a palavra do rei. A esperança dos inimigos dos judeus de dominá-los foi igualada à medida que os judeus dominavam aqueles que os odiavam. A peça central entre estas duas declarações é a palavra hebraica, ela foi derrubada, enfatizando a reversão completa e resumindo a vitória a ser descrita.

Ao mesmo tempo, a amarga verdade é que o édito mortal emitido por Hamã não foi anulado da mesma forma que a força destinada a Mordecai foi revisitada, ou a honra que Hamã planejou para si mesmo foi dada a Mordecai. Deus não interveio diretamente e erradicou o decreto existente. Em vez disso, teve de ser derrubado com batalhas armadas, que custaram caro.

É revelador que havia um número significativo daqueles que esperavam dominar os judeus. Foi dado aos judeus, versículo 2, o direito de se organizarem, de se reunirem

para defenderem suas vidas. À medida que os acontecimentos se desenrolavam no dia 13 de Adar, eles atacaram aqueles que procuravam o seu mal.

Na verdade, ninguém poderia enfrentá-los. Isto sugere a possibilidade de ação ofensiva por parte dos judeus. A linguagem retrata com precisão a complexidade e a confusão de situações como essas.

Assim como o povo comum temia os judeus, versículos 3 e 4, a liderança em todos os níveis também passou a temer Mordecai. Como resultado do seu decreto, o ataque aos judeus não era mais patrocinado oficialmente. Na verdade, o decreto de Mordecai ordenava às autoridades que permitissem que os judeus se defendessem.

O capítulo 9, versículo 5, é central na discussão ética que continua a assolar os acontecimentos no final de Ester. Simplificando, este versículo diz que houve um massacre de gentios que não foi diferente de qualquer outra ofensiva de base étnica? Há quem afirme que foi de facto um duro ataque preventivo. Após o segundo decreto, ninguém teria tido a intenção de atacar os judeus, afirmam.

Em vez disso, os judeus atacaram todos os seus inimigos. Houve matança e destruição em massa de vidas, e eles fizeram o que quiseram. A parte ruim deste versículo é para seus inimigos.

Este último tem um som indefinido, mas muito repugnante. No entanto, este ataque, por assim dizer, foi uma resposta àqueles que os atacaram e que tinham a intenção de os prejudicar e que viam isto como uma ocasião para a sua completa destruição. A acção ofensiva dos Judeus foi necessária à luz, mais uma vez, do decreto irrevogável que sancionou oficialmente a sua morte.

O desenrolar destes acontecimentos sugere que havia um forte sentimento anti-semita que vinha fermentando desde o início. As vítimas dos judeus eram consideradas inimigas, aqueles que os odiavam e homens. Depois que o derramamento de sangue acalmou, a narrativa enfatiza repetidamente que os judeus descansaram de seus inimigos.

É mencionado três vezes. O alívio foi palpável. Se os 500 homens mortos em Susã no versículo 6 representavam aqueles que atacaram os judeus, havia grande hostilidade contra os judeus mesmo na capital.

Há quem veja este número e os números que se seguem como mais indícios de exageros. É muito provável, no entanto, que o ódio de longa data, tendo sido alimentado pela liderança, tivesse vida própria, completamente à parte da racionalidade. Ela brilhou nas ruas persas, poderíamos dizer, após a morte de Hamã.

Nos capítulos, capítulo 9, versículos 7 a 10, no texto hebraico, os nomes dos filhos de Hamã, conforme são pendurados, são colocados em duas colunas, possivelmente uma ilusão dos antigos copistas de sua suspensão final em postes. Os filhos podem ter atacado os judeus para vingar a morte do pai e, como resultado, perderam a própria vida. Eles também podem ter sido líderes de uma insurgência antijudaica e anti-Mordecai.

O nome e a honra de Hamã teriam sido continuados por seus descendentes. Assim, esta ação, conforme explicada aqui, cortou a posteridade de Hamã, e o ponto é enfatizado neste ponto pela reiteração do título que havia definido sua presença no livro. Hamã, filho de Hamedata, adversário dos judeus.

Pendurar publicamente seus corpos era uma forma necessária de humilhação. E, novamente, finalmente, três declarações separadas sublinham que os judeus não puseram as mãos na pilhagem do inimigo, demonstrando uma moderação extraordinária. Os versículos 11 a 14 do capítulo 9 são uma conferência entre o rei e Ester.

Ao reportar-se à Rainha Ester, o rei repetiu a lista de vítimas de Susã nas mesmas palavras que foi originalmente narrada no capítulo 9, versículo 6, seguida pela referência específica aos filhos de Hamã. A próxima cláusula sobre o resto das províncias, em vez de ser uma pergunta directa, pode ser algo como, pergunto-me o que fizeram no resto das províncias. Eles são ambíguos aqui.

Poderia referir-se às forças adversárias ou aos judeus, ou a ambos. A incerteza inerente à questão, juntamente com o número inesperadamente grande de Susã, pode ter contribuído para a reiteração, por parte do rei, da sua promessa de conceder a Ester novas medidas. Talvez tenha começado a perceber que este era um problema extremamente sério para ele e também para os judeus.

Um indício da ousadia de Ester nos versículos 13 a 14 pode residir no fato de que ela não prefaciou mais seu pedido com uma condição dupla, incluindo um apelo ao apego do rei a ela. Desta vez ela disse simplesmente, se parecer bom ao rei. A partir daí, duas questões se entrelaçam nos desenvolvimentos narrativos.

Primeiro, era evidente que a ameaça de hostilidade ainda persistia. Ações dissuasoras eram aconselháveis. Em segundo lugar, do ponto de vista legislativo, o festival de dois dias tinha de ter uma base sólida.

Este último tem seu início aqui e se expandiu consideravelmente no restante do capítulo. Em relação ao primeiro, tanto o decreto inicial de Hamã como o contra-decreto de Mordecai limitaram a luta a um dia. O dia havia chegado e passado com os judeus vitoriosos, até onde eles sabiam, apenas na luta suficientemente feroz para que 500 homens fossem mortos ali.

O pedido de Ester pode ter sido formulado no contexto da incerteza contínua. Assim como o relatório tratava da cidadela e dos 10 filhos de Hamã, o mesmo aconteceu com o seu pedido, embora o primeiro se estendesse a toda Susã. Ambas as partes do plano foram concebidas para evitar novos ataques.

Em Susã, os judeus poderiam agir no dia seguinte, de acordo com a lei de hoje, o que significava autodefesa quando atacados, e os corpos dos filhos de Hamã seriam içados em postes. O que eles não sabiam naquela altura era a extensão da resistência judaica em todo o império. Esses números, sem dúvida, surgiram lentamente.

À medida que os acontecimentos se desenrolaram em Susã até ao 14.º dia, versículos 16 e 17, a narrativa retoma o seu resumo dos confrontos em todo o império que de facto ocorreram no dia anterior, embora esses resultados possam não ter sido conhecidos naquela altura. O resto dos judeus organizou-se e, mais uma vez, defendeu as suas vidas. O tema do descanso, novamente, ressoa nos próximos três versos.

O facto de o texto ser tão enfático a este respeito é um comentário sobre a ferocidade do sentimento antijudaico que obrigou 75.000 pessoas em todo o império a agir com agressão suficiente para com os judeus, a ponto de serem mortos. Assim como o alívio é enfatizado, também o é o facto, mais uma vez, de que os judeus não levaram qualquer pilhagem, embora tivessem sido autorizados a fazê-lo pelo formulário medida por medida. Em resposta espontânea ao grande alívio, o dia foi marcado com festa e alegria.

Essas duas características caracterizariam a subsequente instituição formalmente estabelecida do festival. Já depois da elevação de Mordecai e da emissão do decreto, ocorreu regozijo e a honra foi restaurada para os judeus. Continuou a haver, no entanto, uma nuvem de incerteza com o decreto ainda iminente.

Os dias 13 e 14 de Adar foram necessários para realizar o resto. Agora, o resto do capítulo estabelece, detalhadamente, o festival. No versículo 18, as distinções entre Susã e o vasto império são reiteradas.

Com o versículo 20, o foco do texto passa da narrativa da libertação para a alegria e o descanso e, finalmente, para os meios para perpetuar a memória daquela tremenda ocasião. Parece que os judeus imediatamente reservaram determinados dias e começaram a fazer as observâncias associadas à festividade. Foi, no entanto, com a intenção de preservar a memória que Mordecai escreveu, tanto o versículo 20 como o versículo 23, estes assuntos de Purim, e eles foram estabelecidos, confirmados e impostos.

O elemento repetitivo nestes versos e o emaranhado geral de linguagem no resto do capítulo para estabelecer esta nova tradição unem-se de uma forma notavelmente adequada para transmitir o esforço monumental para confirmar a observância de Purim, um festival não mencionado novamente na revelação. do Sinai. A declaração em duas partes no versículo 22

envolve memórias judaicas das raízes do festival. Ecoando palavras-chave, remontava aos dias em que eles descansaram dos seus inimigos, ao mês da grande reviravolta, capítulo 9, versículo 1. As gerações subsequentes deveriam celebrar estes dias com a mesma vitalidade e da mesma maneira que aqueles. comunidades originais que experimentaram a libertação.

No versículo 24, temos outro documento, um documento público, no qual Mordecai demonstrou ser um diplomata extremamente hábil. Este texto está muito comprimido. Implica plenamente Hamã, ao mesmo tempo que remodela cuidadosamente o papel do rei nos acontecimentos, a fim de apresentá-lo, e não Mordecai e Ester, como o herói da narrativa.

Esta foi uma manobra delicadamente executada para restaurar a honra significativamente manchada do rei. E novamente, é uma compressão. Mordecai elaborou sutilmente seu próprio decreto escrito, emitido em nome do rei, para contrariar o edito de Hamã e a ordem do rei de exibir os corpos de Hamã e de seus 10 filhos.

Nos versículos 26 a 27, há outra declaração resumida, aparentemente para trazer ainda mais foco à enxurrada de detalhes que estão por trás da legislação para o novo festival. Mordecai supervisionou a distribuição de uma segunda carta, que é mencionada no versículo 29, assim como fez com a anterior mencionada no versículo 20. E então, finalmente, esta distribuição observada no versículo 30 refere-se novamente às 127 províncias, o que equilibra sua menção de capítulo 1. Shalom, paz e verdade eram conceitos fundamentalmente significativos na cosmovisão bíblica.

Pode ser que parte do tom forte e autoritário destes textos para as comunidades judaicas também seja o resultado de estarem ligados à linguagem bíblica já existente. Mordecai usou palavras de paz e verdade, versículo 30, e deixou as comunidades judaicas amplamente dispersas à vontade. Estas palavras ecoam Zacarias capítulo 8, versículo 19.

O povo passou por rupturas e traumas causados por mentiras insidiosas. Por outro lado, shalom, relacionado à raiz verbal shalem, implica corrigir os bons costumes por meio de recompensa. Assim, a vitória dos judeus contribuiu de alguma forma para a escrita da ordem social.

E finalmente, com o capítulo 10, versículos 1 a 3, temos um encerramento apropriado para o texto. Xerxes e seu poder são reiterados. Eles são restaurados após terem experimentado ondas de choque, mas Mordecai também é mencionado como alguém que compartilha autoridade e dá bons conselhos a Xerxes.

Ele auxilia o rei na criação de um sistema de estabilidade econômica. Sua posição proeminente prepara o terreno para os papéis históricos de Esdras e Neemias, que o seguiriam. Ele continuou como defensor e porta-voz da comunidade judaica no governo, e o texto termina com Mordecai falando shalom para todos os seus

descendentes, um lembrete comovente da necessidade dos judeus, ao longo dos séculos seguintes, de terem alguém capaz de interceder pelo seu bem-estar. .